

Camélias do Parque Terra Nostra premiadas

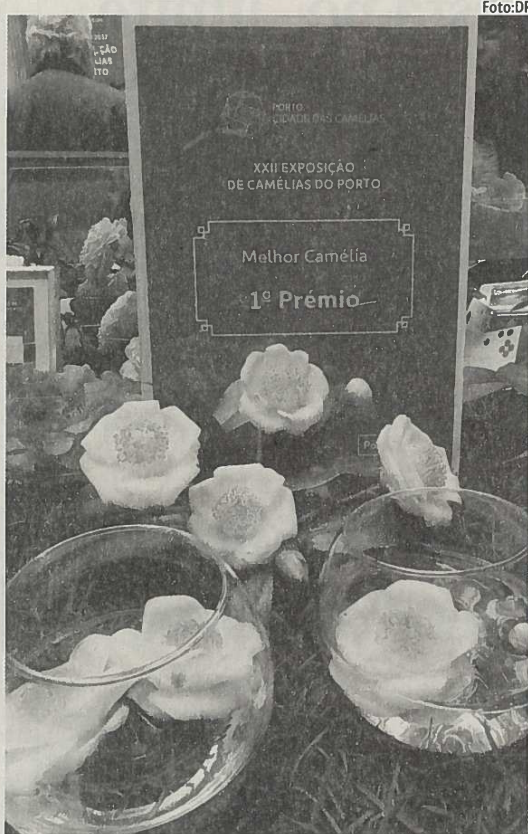
Com um "Know How" reconhecido internacionalmente no que às Camélias diz respeito, o Parque Terra Nostra, propriedade do Grupo Bensaude e parte integrante do Terra Nostra Garden Hotel, participou na XXII Exposição de Camélias do Porto e no VIII Festival Internacional de Camélias de Lousada, certames nos quais foi premiado.

No Porto, o Parque Terra Nostra recebeu o galardão de "1º prémio - Melhor Camélia em Exposição" com a Camélia nitidíssima. O mesmo foi entregue por Patricia Short, ex-presidente da Associação Internacional de Camélias.

Já no VIII Festival Internacional de Camélias de Lousada, o Parque Terra Nostra ganhou o prémio de "Melhor Camélia de Origem Japónica" - com a camélia "Taça de Formosura Branca", intimamente ligada ao Parque e aos Açores. O prémio foi entregue pela dra. Eduarda Paz, presidente da Associação Portuguesa de Camélias.

O parque Terra Nostra vê assim reforçado o seu estatuto de especialista nesta flor, contando com mais de 700 cultivares na sua colecção e sendo um parque botânico integrante da International Camellia Society, autoridade máxima no que diz respeito a esta cultura.

Este galardão é, segundo o grupo "um reconhecimento de todo o esforço e dedicação que a equipa do Parque Terra Nostra e do Terra Nostra Garden Hotel colocam diariamente para que o parque seja uma referência a nível internacional e se mantenha um ex-libris dos Açores um pouco por todo o mundo".



85 carvalhos vão ser plantados hoje nos Arrifes

O Centro de Desenvolvimento Comunitário de Arrifes, em parceria com a Casa do Povo de Arrifes na pessoa de Raquel Arruda, os Serviços Florestais na pessoa de Carina Nóbrega e com o apoio da Junta de Freguesia dos Arrifes.

Numa tentativa de dinamizar e requalificar os espaços verdes da urbanização Cardeal, Empreendimento Pieda-

de Jovem e Apartamentos Milagres, hoje, 21 de Março, dia das Florestas, vão ser plantados, no referidos espaços, 85 carvalhos, sendo que no acto estarão presentes a partir das 16h00 os C.A.T.L.'s da Casa do Povo dos Arrifes e as Crianças do Centro de Desenvolvimento Comunitário dos Arrifes, perfazendo um total de 80 crianças a participar nesta actividade.

RTP/Açores abre núcleo museológico este ano

A RTP/Açores vai instalar um núcleo museológico sobre a história dos serviços públicos regionais de rádio e televisão nas instalações remodeladas do seu Centro Regional, em Ponta Delgada.

O novo equipamento constituirá uma exposição permanente com a retrospectiva dos principais acontecimentos da empresa e da região, desde a inauguração do Emissor Regional dos Açores da Emissora Nacional em 1941 e da instalação do Centro Regional dos Açores da RTP em 1975.

Este núcleo museológico ficará acessível à população em geral e às escolas em especial no Centro Regional dos Açores da RTP/Açores, que se encontra em fase final de obras de remodelação. A sua abertura ocorrerá durante o segundo semestre deste ano, por ocasião da instalação conjunta dos serviços de rádio e de televisão no edifício da Rua Castelo Branco, em Ponta Delgada. O Núcleo Museológico da RTP/Açores será instalado com recurso a novas tecnologias, apresentando uma componente virtual que apela à realização de visitas de carácter interactivo. Os visitantes do futuro núcleo museológico poderão percorrer, cronologicamente,



os momentos mais marcantes da evolução da rádio e da televisão públicas nos Açores e, ao mesmo tempo, recordar os principais acontecimentos açorianos das últimas décadas em todas as ilhas.

As visitas presidenciais de Óscar Carmona (1941) e de Craveiro Lopes (1957), a erupção do Vulcão dos Capelinhos (1958) e a assinatura do Acordo da Base das Lajes (1963) são alguns dos conteúdos previstos, tal como a cimeira dos presidentes Nixon e Pompidou na ilha Terceira (1971), a manifestação popular do 6 de Junho em Ponta Delgada (1975) e a criação do Instituto Universitário dos Açores (1976).

O discurso museológico percorrerá igualmente, entre outros acontecimentos, a instalação da Assembleia Regional e do Governo dos Açores (1976), o sismo de 1 de Janeiro nas ilhas Terceira, Graciosa e S. Jorge (1980) e a entrada da Região na Comunidade Económica Europeia (1985), bem como a visita do Papa João Paulo II aos Açores (1991), a subida do Santa Clara à Primeira Divisão (1999) ou a Cimeira das Lajes com George Bush, Tony Blair e José Maria Aznar (2003).

A programação temática do Núcleo Museológico da RTP/Açores está a ser preparada por um grupo de trabalho constituído por Lopes de Araújo, Lorina Bernardo, Victor Alves, José Andrade, Luísa Bairos, Alyvaro Melo, Sidónio Bettencourt, Raúl Resendes e Jorge Santos.

Temas ao Acaso

Dar prioridade aos produtos açorianos



Por: Carlos Rezendes Cabral

Quando falo com alguém residente no rectângulo português sobre a minha terra, fico bastante feliz por constatar que, lá fora, se começa a falar em termos elogiosos desta Região que uns dizem ser autónoma. Eu não digo porque, para mim, a autonomia é uma falácia.

Falam, como é lógico, essencialmente das nossas paisagens; mas também falam dos nossos queijos, dos nossos vinhos, que estão começando a emergir no mercado para espanto dos especialistas.

Também falam do nosso chá, do nosso mar azul onde os golfinhos, baleias, tubarões, jamantas e demais espécies, vivem livremente e sem stress, mesmo quando o "bicho-homem" está por perto.

Falam ainda da nossa carne que começa a ter venda nalguns talhos (tanto nos centros comerciais como nos talhos de rua) desde que ostentem um "sticker" com os dizeres CARNE AÇORIANA. Evidentemente que é a carne que compro quando lá estou, apesar do preço ser mais elevado.

Falam também das nossas conservas, especialmente as da Santa Catarina, que são do melhor que há; falam de alguns produtos de artesanato que compraram quando cá vieram numa fugaz visita; falam dos nossos licores, dos nossos bolos lêvedos, da nossa massa sovada; não esquecem a nossa gastronomia, nomeadamente dos carapaus fritos com molho de vilão, inhames e pimenta salgada; admiram-se com os cozidos nas caldeiras; elogiam o nosso saborosíssimo e fresquíssimo peixe que, lá de vez em quando, também o vejo à venda em Portugal, devidamente etiquetado.

Enfim, para os portugueses do rectângulo, os Açores são lugar de encanto e beleza que muitos gostariam de visitar um dia.

Evidentemente que, para o Instituto Nacional de Estatística, nós somos do piorio que há no país. Confesso que não sei onde vão colher os elementos para tais desastres, nem tão pouco em que raio de rácios se baseiam para chegarem a resultados tão catastróficos para os Açores. Mas isto são outros quinhentos!

Vem este relato a propósito de que, nós próprios, pelo menos aqui em S. Miguel que é onde conheço melhor os factos, não damos a prioridade que deveríamos dar aos nossos produtos.

Falando de bebidas, se formos a um concerto ao ar livre, uma festa de paróquia, um arraial ou coisa parecida, deparámo-nos sempre com publicidade e venda de produtos de fora, em detrimento do que cá se faz, que é tão bom, ou melhor, do que aquilo que se importa e que leva o nosso dinheirinho para fora da Região.

Dizem-me que é por ser mais barato. Julgo que nem sempre é verdade, mas, admitindo que o seja, não é tão bom. É de senso comum afirmar-se que a qualidade também tem preço. Ou não terá? Por outro lado, comprando o que é de fora, estamos contribuindo para o desemprego local, em favor de outros que nunca vimos mais gordos. Não confundir isto com xenofobia, porque uma coisa não tem, rigorosamente nada, a ver com a outra.

Mas, quem fala de bebidas fala, entre muitos outros produtos, da batata, da maioria da fruta, do feijão, tanto o verde como o seco. Para quem vai ao mercado da Graça em Ponta Delgada (como eu vou) pode verificar que, exceptuando as alfaces, as couves, o agrião, os espinafres e mais umas quantas "verduras" tudo o resto é importado; desde a batata ao aipo, passando pelas cenouras, cebolas, alguma banana (quem diria?), alhos secos, etc.

Tudo o que acima descrevi poderia, e deveria, ser produzido nesta Região, se não houvesse ganância de alguns produtores, bem como de alguns comerciantes, e ainda, se tivesse havido uma orientação política de modo a salvaguardar a produção local, incentivando as trocas comerciais inter-ilhas. Ou seja: - o tal mercado interno que os governantes se fartam de falar, mas que não põem à disposição os meios necessários para que tal aconteça.

São estes pequenos-nadas que diferenciam os povos. Uns querem trabalhar as terras, mas não tendo terra suficientemente fértil para o fazer, recorrem, por isso mesmo, ao cultivo intensivo em estufa (Islândia), que até exporta, quem diria!

Outros, tendo uma terra fértilíssima (Açores), preferem os subsídios do governo, nomeadamente o RSI, ao trabalhar na horticultura, escudando-se (para disfarce da malandrice) na monocultura da vaca.

A verdade é que não fazem as terras, porque preferem o que "cai" do governo, mesmo que seja pouco. E o governo dá. Até porque, deste modo, vai assegurando os votos necessários para as eleições. Melhor dito, compra os votos com os subsídios.

Se a Madeira tivesse as mesmas condições climáticas e territoriais dos Açores, estou certo que os produtos madeirenses é que estariam em destaque no mercado local, até porque o madeirense, apesar de não ter tido qualquer 6 de Junho, é muito mais autonomista do que o açoriano.

Quando alguém no Funchal pede uma cerveja, é-lhe apresentada uma Coral. Não lhe dão, em primeira mão, uma Super Bock ou Sagres; só a darão se o cliente exigir.

Continuando como estamos, não passaremos da cepa-torta. São sortes!

P. S. Texto escrito pela antiga grafia